

■ POLÍTICA

Eleição Presidencial

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Debate esquentado a disputa pela segunda vaga

Ataques mais fortes e acusações se concentraram entre Serra, Ciro e Garotinho. Lula poupado

Marcelo Moreira, Eva Rodrigues e
Clarice Brandão
de São Paulo

O debate nem havia começado e o clima já estava tenso: cabos eleitorais do candidato Ciro Gomes e do candidato José Serra entraram em choque e uma pessoa ficou ferida. O candidato a vice de Ciro Gomes, o Paulinho, respondeu a uma pergunta sobre se iria renunciar, com outra: "Quem está ganhando a eleição vai renunciar, rapaz, está doido?", disse Paulinho.

O presidente nacional do PT, José Dirceu, afirmou ontem, antes do debate dos presidentes realizado na TV Bandeirantes que todo mundo está preocupado com o crescimento nas pesquisas de Ciro Gomes (PPS), menos seu partido.

Segundo Dirceu, está cada vez mais claro que Luiz Inácio Lula da Silva (PT) está preparado para governar. "O eleitor está vendo claramente quem é quem. Ciro Gomes está aliado ao PFL e é o legítimo representante das elites atualmente, até mais que José Serra (PSDB)." Ele negou que o PT vá mudar de estratégia para enfrentar o crescimento de Ciro Gomes e acredita que a situação pode mudar a partir do começo do horário eleitoral gratuito na TV.

Emprego e exportações

Os dois primeiros blocos do debate promovido pela Rede Bandeirantes de Televisão foi surpreendentemente civilizado. O tema emprego dominou o começo surpreendentemente civilizado do primeiro debate entre os presidentes na TV Bandeirantes, na noite de ontem. A pergunta inicial, elaborada pelo departamento de jornalismo da emissora, era a mesma para os quatro: como fazer para criar novos empregos a partir de 2003. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aposta no estímulo às exportações e ao incentivo ao trabalho das micro e pequenas empresas. "Isso é uma questão de cidadania".

Anthony Garotinho (PSB) foi

mais agressivo, mas nada acrescentou ao que já vem dizendo sobre o tema. Pretende restringir a dependência do Brasil ao capital especulativo (não-produtivo), elaborar projetos para estimular a indústria nacional e facilitar o crédito para novos investimentos que gerem empregos. José Serra (PSDB) também prega estímulo às exportações, mas antes de mais nada acredita que a manutenção da estabilidade econômica e dos baixos índices de inflação serão os responsáveis por estabelecer a base de geração de empregos.

Ciro Gomes (PPS) acredita que é fundamental reduzir o endividamento externo do País para estabelecer qualquer política de geração de empregos e aproveitou para criticar o crescimento dessa mesma dívida ocorrida no governo Fernando Henrique Cardoso.

Garotinho ataca Serra

O primeiro momento mais ríspido ocorreu quando o ex-governador do Rio de Janeiro perguntou a Serra o que ele achava do fato de o governo federal, "do qual ele é candidato oficial", ter sido obrigado a dispensar cerca de 44 mil recrutas do Exército por conta da falta de dinheiro. Serra respondeu afirmando que era candidato "do meu governo, José Serra", e descreveu uma série de medidas que tomará, se eleito, para facilitar o acesso da juventude às escolas técnicas e ao mercado de trabalho.

Demonstrando leve satisfação, Garotinho disse que Serra não respondeu à pergunta porque tinha "vergonha de seu partido e de seu governo, que havia quebrado o País". Irritado, José Serra negou ter vergonha do governo federal. "Sou amigo do presidente Fernando Henrique, apóio o governo no que ele tem de bom e discuto o que não está bom. Esta é a minha posição desde sempre."

Luiz Inácio Lula da Silva (PT), afirmou que o governo Fernando



Henrique Cardoso levou o Brasil a ficar dependente do capital externo, esquecendo-se da "lição de que só se vai para frente trabalhando". Ele defendeu que o governo, paralelamente à negociação, envie ao Congresso um projeto de minirreforma tributária para desonerar o setor produtivo e assim se permitir que o Brasil dê um salto de qualidade e não precise voltar ao FMI em quatro ou cinco meses.

Previdência

Ciro Gomes (PPS) apresentou o seu projeto para sanear a Previdência, ou pelo menos para amenizar o rombo atual. "Minha idéia é discutir um modelo novo de capitalização. Ao invés de cobrar na folha de pagamento dos trabalhadores, recolhíamos recursos gradativos do faturamento líquido das empresas cujos setores estão mais automati-

zados do que gerando emprego."

O petista Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a unificação da previdência pública e disse que é preciso fazer com que a economia volte a crescer para gerar contribuintes para a Previdência Social. Ou seja, ele quer ampliar a base da Previdência para aumentar, consequentemente, a arrecadação.

Lula deseja criar uma Previdência Social única, garantindo um piso para todos. Ele lembrou que 14 milhões de aposentados ganham apenas um salário-mínimo, destes 6 milhões seriam da área rural, e que argumentou que eles não conseguiriam contribuir em um sistema de capitalização como o proposto pelo candidato do PPS. Lula disse ainda que para reformar a Previdência é necessário uma longa negociação com políticos e representantes dos trabalhadores.

Não ao corralito

Os candidatos a presidente que participaram do debate na noite de ontem, em São Paulo, disseram que não pretendem mexer no "dinheiro dos brasileiros", ou seja, não pretendem adotar medidas de restrição aos saques bancários, como ocorreu na Argentina e no Uruguai. O candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, lembrou quando o ex-presidente Fernando Collor de Melo prometeu que não mexeria no bolso dos brasileiros, mas confiscou a poupança logo depois. Ele disse que várias vezes os interesses do Brasil foram subordinados à especulação financeira, e que o patrimônio público foi vendido "barato mas sem resultados para a economia". Segundo o petista, a dívida brasileira cresceu significativamente por causa disso. O candidato disse que é preciso incentivar cooperativas de crédito e fundo de pensões para aumentar a poupança interna. "O dinheiro do povo é uma coisa sagrada."

José Serra (PSDB) foi sucinto. "Ninguém vai mexer na poupança das pessoas. É importante que todos os candidatos se comprometam com isso. A dívida do Brasil é administrável."

Anthony Garotinho (PSB) disse que o Brasil chegou a atual situação porque as elites permitiram que o povo brasileiro fosse "subserviente" e descartou mexer nas contas bancárias. "Só há uma saída para voltar a crescer: um modelo nacional de desenvolvimento."

O Brasil tem que escolher se quer ser periferia do mercado mundial ou discutir uma sociedade justa, saindo da retórica."

Garotinho atacou também o candidato Ciro Gomes (PPS) em razão das alianças políticas deste último. Ele disse que, apesar de Ciro se apresentar como candidato de oposição, recebeu apoio de políticos que apoiaram o governo Fernando Henrique Cardoso e também a ditadura. Garotinho ci-

tou o encontro de Ciro com Antônio Carlos Magalhães (PFL), em que o candidato do PPS beijou a mão do ex-senador.

Ciro respondeu que talvez Garotinho ache que poderá governar o Brasil apelando como faz às pessoas que vão às igrejas. "Não sou um aventureiro, que oferece propostas mirabolantes." José Serra também criticou a aliança de Ciro com ACM e disse que a passagem dele pelo Ministério da Fazenda, em 1994, foi ruim, já que "pregava uma coisa e dizia outra, além de chamar consumidores de otários".

Serra versus Ciro

O debate mais quente da noite foi travado entre os candidatos José Serra e Ciro Gomes. Serra acusou Ciro de divulgar números falsos sobre a economia, inclusive sobre o valor do salário mínimo, durante sua gestão no Ministério da Fazenda, em 1994. Ciro justificou suas ações no Ministério afirmando que foi convocado pelo presidente Itamar Franco para salvar o Plano Real que, segundo ele, naquele momento corria risco de fracassar. Serra respondeu dizendo que as origens dos problemas atuais da economia estão na liberalização do mercado às exportações, com redução das alíquotas de importação, promovida pelo ex-ministro durante sua gestão.